

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

METODOLOGIA DA HISTÓRIA, TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA.

No novo currículo da seção de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o curso de “**Introdução aos Estudos Históricos**”, desapareceu, ou, para melhor dizer, mudou de nome e passou a chamar-se “**Metodologia da História**”; este curso deverá ser feito no primeiro ano, salvo hipótese de reprovação. Correlativamente apareceu um novo curso intitulado “**Teoria da História**”, a ser ministrado em princípio no quarto ano pelos mesmos docentes encarregados do curso de “**Metodologia Histórica**”.

Com esta reforma, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo se conforma com as idéias exprimidas na moção n.º 22 (1) adotada pelo I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior realizado em Marília, no mês de outubro de 1961. Todavia, o problema não nos parece tão simples e merece ser analisado sob todos os seus aspectos. E’ evidente que não temos a pretensão de dar-lhe uma solução, mas pensamos que os professores encarregados do ensino da matéria tem o dever de refletir sobre o assunto e de expor as suas eventuais dúvidas a fim de permitir a colocação em termos claros dos verdadeiros dados do problema.

No que diz respeito à **Metodologia da História** parece-nos que não há discrepâncias sobre a maneira de encarar o curso: este não pode ser limitado à uma simples exposição descritiva das técnicas necessárias ao historiador e das regras fundamentais da crítica histórica; durante o I Simpósio de Professores de História Superior, houve acordo geral sobre

(1). — O texto da moção “recomenda que as Faculdades de Filosofia instituam, de preferência como partes integrantes de uma mesma cadeira, cursos obrigatórios de Introdução Metodológica à História na primeira série da seção de História e Teorias da História (incluindo História da Historiografia)”. Cf. Anais do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior em 1961, pp. 298-299. Marília, 1962.

a necessidade da “abordagem de problemas conceituais” (2) permitindo aos estudantes do primeiro ano compreender o que é verdadeiramente a História, o lugar que ela ocupa dentro das ciências humanas, as suas relações obrigatórias com outras ciências afins sem por isso perder a sua particularidade.

E’ naturalmente inútil insistir sôbre o fato que um curso dêste tipo tem que ser acompanhado de uma parte prática pelo menos tão importante quanto a parte teórica; na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo essa parte prática foi dividida em três tópicos:

1). — **Seminários** de discussões sôbre o curso teórico a fim de verificar a boa compreensão dêste, de corrigir eventualmente algumas interpretações inexatas feitas pelos alunos e de lhes permitir expor as suas reflexões sôbre os pontos relacionados.

2). — **Exposições** feitas pelos estudantes e correção pelo professor (até êste ano o tema geral escolhido dizia respeito à História da historiografia, visando assim permitir aos alunos ter uma visão geral da matéria).

3). — **Iniciação à pesquisa**, com cada estudante consultando fontes determinadas dizendo respeito à um assunto geral anteriormente escolhido. (A correção das fichas redigidas e a reunião dos dados encontrados permite aos estudantes ter uma primeira idéia prática dos problemas de análise e síntese) (3).

A criação do curso de **Teoria da História** não nos parece dever acarretar transformações profundas no curso de **Metodologia histórica** (ex- **Introdução aos estudos históricos**). Como já dissemos, seria ridículo reduzir o nôvo curso a uma simples exposição descritiva e técnica, reservando para o curso de **Teoria da História** todos os problemas gerais. Com efeito é precisamente no primeiro ano que os estudantes de História precisam tomar conhecimento dêstes problemas, a fim de poder aproveitar o ensino que lhes é ministrado ou será ministrado nas outras cadeiras. Pois, a única modificação necessária diz respeito à História da historiografia, ao nosso

(2). — Guy de Holanda, em *Anais do I Simpósio...*, p. 149. Sôbre a questão, ver o relatório do professor Eremildo L. Vianna e a discussão que se seguiu (*Anais do I Simpósio...*, tema IV, pp. 141-147).

(3). — Emília Lemos Tôres, *Introdução aos estudos históricos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, em *Boletim de História*, ano I, n.º 4 e ano II, n.º 5, pp. 147-153.

ver parte essencial da **Teoria da História**, que, na medida em que foi criado o novo curso, não cabe mais no curso de **Metodologia**. Voltaremos mais adiante sobre os possíveis inconvenientes dessa divisão. Contentamo-nos no momento em notar mais uma vez que de maneira geral houve acôrdo quanto a orientação a ser dada ao curso de **Metodologia histórica** (qualquer que seja o nome proposto para êle) e sobre a necessidade dêste ser ministrado no primeiro ano para todos os estudantes de História.

O quadro aparece bem diferente no caso do novo curso de **Teoria da História**. De fato, a moção 22 do Simpósio de Marília preconizava a criação dêste curso, mas não aceitava a palavra teoria no singular, preferindo intitulá-lo **Teorias da História**. Contra esta denominação se levantou a voz de Dona Maria Clara R. T. Constantino, professora das ditas disciplinas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, que publicou sobre o assunto um artigo nesta revista (4). A contenda poderia aparecer à primeira vista como uma questão bizantina, suscetível de interessar somente os filólogos. Na verdade ela vai muito além duma simples questão de vocabulário ou de sintaxe. Para Dona Maria Clara Constantino, a **Teoria da História** não abrange a **História da Historiografia** que deveria continuar a ser dada com o curso de **Metodologia Histórica** (5); ela se limita ao estudo do problema epistemológico, isto é, ao estudo filosófico da ciência histórica e a autora insiste sobre o caráter **filosófico** dêste estudo. Longe de nós a idéia de desprezar êste ramo do conhecimento, mas temos neste caso o dever de colocar o problema sob os seus dois aspectos **práticos** essenciais:

- a). — Não deveria um ensino de caráter essencialmente filosófico ser confiado a um professor de filosofia especialista em lógica, com a consequência evidente da necessidade absoluta de separar o curso de Metodologia histórica do curso de Teoria da História?
- b). — Um curso de Teoria da História encarado assim terá interêsse para a formação de historiadores?

(4). — Maria Clara R. T. Constantino, Teoria da História ou teorias da história... A propósito do I Simpósio de Professôres de História do Ensino Superior, em Revista de História, vol. XXIV, n.º 50, abril-junho de 1962, pp. 417-422.

(5). — Artigo citado, p. 420.

A primeira dessas perguntas, responderemos que o ensino da **Teoria da História** encarado sob essa forma parece se enquadrar muito melhor dentro das matérias dadas na secção de filosofia, sendo evidentemente possível aos estudantes em História escolher êste curso como matéria optativa.

Discordamos com efeito totalmente da opinião da autora sôbre a necessidade dum estudo desta matéria para todos os estudantes de História. O argumento utilizado, a saber, que só excepcionalmente um historiador poderá sê-lo na plena acepção do termo sem “um aprofundado exame do problema epistemológico” (6), não nos parece muito convincente. Para limitarmos aos autores do século XIX (época a partir da qual êsses problemas começaram a ser levantados), verificamos que os grandes nomes que tentaram definir o conhecimento histórico (Hegel, Dilthey, Rickert) não foram historiadores e que os grandes historiadores (Niebuhr, Ranke, Mommsen, Fustel de Coulanges) nunca se preocuparam com êsses problemas de uma maneira sistemática. A situação é muito parecida no atual século. Se encontrarmos algumas exceções, exceções perdidas na massa (Croce, Huizinga, Berr), verificamos logo que geralmente a obra histórica dêsses autores fica muito atrás da obra filosófica. E isso não é de estranhar porque o tempo passado a aprofundar o problema epistemológico não podia ser dedicado à pesquisa histórica (7).

Pois êste exame aprofundado do problema epistemológico não nos parece necessário à formação dos futuros historiadores e professores de História. As noções gerais úteis aos estudantes cabem perfeitamente dentro do curso de **Metodologia histórica**. É evidente que não temos o direito de recusar aos que se interessarem pela matéria um curso de **Teoria da História** tal como o encara Dona Maria Clara Constantino, mas não vemos nenhuma necessidade de impor a todos os estudantes de

(6). — Artigo citado, p. 420: “Sem dúvida o estudo aqui desenvolvido é essencialmente filosófico. Pode, porém, eliminar-se uma introdução desta natureza aos estudos históricos sem condenar as gerações que se formam a permanecer numa tradição empirista da qual só uma ou outra inteligência dotada de singular vivacidade sairá, hesitantemente após um esforço pessoal de libertação e dirigido apenas por sua maior curiosidade pessoal?”

(7). — Sem as condições particulares nas quais se encontrou durante a Segunda Guerra Mundial, nunca Marc Bloch teria escrito o pequeno opúsculo publicado depois com o título *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien* (Paris, A. Colin, 3a. ed., 1959). Foi unicamente porque se encontrava isolado, longe de toda documentação, impossibilitado de trabalhar, que Marc Bloch colocou no papel as reflexões dum historiador profissional sôbre a História.

História um ensino dispensável, tratando de questões puramente filosóficas para as quais não se interessa a grande maioria dos historiadores (8).

Aliás, esta última verificação não significa que o pensamento filosófico é fundamentalmente alheio ao pensamento histórico. Longe de nós essa interpretação à qual se oporia o estudo de toda a historiografia. Mas pensamos que o problema foi colocado em termos justos por Henri-Irénée Marrou no livro *L'histoire et ses méthodes* (9), onde o professor da Sorbonne aponta a oposição radical entre as duas vocações de filósofo e historiador, para mostrar depois que “a História não pode prescindir da infusão de uma certa dose de espírito filosófico, mesmo que o historiador faça filosofia sem sabê-lo” (10).

Ora, parece-nos que no ciclo de formação básico, o essencial consiste em colocar o estudante diante dos problemas **práticos** que êle terá que enfrentar como historiador, deixando-o elaborar sozinho, conscientemente ou inconscientemente, as posições teóricas derivando das soluções dadas aos problemas práticos.

Para dizer a verdade, levantando esta questão já nos afastamos da **Teoria da História** na acepção limitada dada à palavra por Dona Maria Clara Constantino, para passar a outra definição da Teoria da História, considerada como Filosofia da História. O novo problema diz respeito ao valor das interpretações da História dadas por filósofos ou historiadores procurando enquadrar a História num sistema explicativo mais ou menos rígido. Sem ir até a condenação total feita por Henri-Irénée Marrou (11) devemos, contudo, rezear que um curso desta

(8). — Além do mais, não devemos nos esquecer que as Faculdades não formam somente pesquisadores e que um grande número de alunos se destinam unicamente ao professorado do ensino secundário. Para estes, o perigo dum curso puramente filosófico seria ainda maior, podendo levar alguns deles a ministrar depois aulas de história orientadas no sentido filosófico.

(9). — *L'histoire et ses méthodes*, volume publié sous la direction de Charles Samaran, de l'Institut (Paris, N. R. F., Encyclopédie de la Pléiade, 1961). Aconselhamos no caso a leitura das páginas 28 e 29, no capítulo “Qu'est-ce que l'histoire?”.

(10). — Não devemos esquecer que essa posição foi tomada por um dos historiadores que mais se preocuparam com os problemas epistemológicos, autor de um livro intitulado *De la connaissance historique* (Paris, Editions du Seuil, 1959).

(11). — *L'histoire et ses méthodes*, capítulo intitulado “Le métier d'historien”, p. 1478: “Ce serait là confondre la contribution, beaucoup plus humble, mais positive et bien réelle, de l'authentique expérience de l'historien avec les prétentions, follement illusoires dans leur ambition, de la philosophie de l'histoire, cette idole totalitaire, qui constitue, nous aurons l'occasion de le signaler à nouveau, la contrefaçon la plus dangereuse de l'histoire véritable”. Contudo devemos assinalar que a condenação feita por Marrou

natureza não dê resultados positivos para estudantes ainda na fase de formação básica. Mesmo no quarto ano, só alguns elementos (os que depois são suscetíveis de especializar-se nos cursos de post-graduação) têm um espírito crítico bastante desenvolvido para poder abordar êsses problemas com proveito. Para a grande maioria, que não tem a irtenção de continuar o curso além da licenciatura ou do bacharelado, a apresentação no fim do curso de teorias **a priori** sedutoras e muitas vêzes mal compreendidas, poderá conduzir à adoção mais ou menos consciente de uma caricatura de sistema, arruinando todo o trabalho efetivo de formação histórica feito nos anos anteriores.

Será fácil objetar-nos que alguns dêstes sistemas tiveram uma influência considerável sôbre o desenvolvimento da historiografia e como tais não podem ser negligenciados pelo historiador. Concordamos plenamente e achamos lógico em dar à **História da historiografia** o lugar que ela merece. Digamos logo que preferimos a expressão **História da historiografia** àquela mais vaga de **Teorias da História** adotada durante as discussões do Simpósio de Marília. Com efeito, para nós a **História da historiografia** abrange o estudo das teorias elaboradas por filósofos, quando numerosos historiadores se abeberaram nelas. Para tomar um só exemplo: a obra de Karl Marx, cujo estudo é necessário para poder compreender e discutir os trabalhos dos historiadores filhados a essa corrente de pensamento.

Mas deixamos de lado as questões de definição e vejamos agora os problemas encontrados pelo professor encarregado dêste assunto. Ministrare um curso geral desta matéria no último ano do curso básico não nos parece uma boa solução. Com efeito, não seria razoável ficar na superficialidade das coisas em se tratando de alunos já quase chegados ao fim dos estudos. Aliás, de uma vista geral da História da historiografia das origens até nossos dias, obrigatoriamente rápida não teria, no quarto ano, a utilidade que teria tido no curso introdutório do primeiro ano. Parece-nos necessário escolher um assunto limitado para tratá-lo mais a fundo, como uma monografia. Mas neste caso não seria lógico fazer da **História da historio-**

... não é tão absoluta como poderia parecer da leitura do trecho precedente. Em diversas ocasiões e especialmente em outro capítulo do mesmo livro (p. 30), o autor sublinha o fato que às vêzes a Filosofia da História pode aparecer como uma fonte de hipóteses fecundas para o historiador, com a condição dêste não admitir essas hipóteses como dados ou como verdades indiscutíveis. São meras hipóteses que podem verificar-se ou não, conforme os casos e só poderão ser úteis para o historiador quando aceitas como ponto de partida de uma pesquisa sem influenciar **a priori** o resultado desta.

grafia um curso optativo? De fato, não nos parece certo impor a alunos que querem especializar-se em História moderna ou contemporânea, o estudo de um ponto da historiografia grega ou da historiografia medieval ou vice-versa. O curso seria muito mais útil se fôsse escolhido pelos estudantes interessados em função da matéria dada. E' evidente que neste caso o panorama geral da História da historiografia teria que reaparecer no primeiro ano junto com o curso de **Metodologia histórica**, onde sempre verificou-se ser muito útil.

Antes de concluir, gostaríamos de precisar que as idéias expostas aqui com tôda simplicidade o foram porque pensamos que os problemas levantados merecem ser discutidos. Pode parecer curioso que o professor responsável do curso de **Teoria da História** tome uma posição contrária ao ensino obrigatório da matéria. Não há dúvida que para êle a situação consiste em ser encarregado do ensino duma matéria tão fluida e tão pouco definida como a **Teoria da História**, o que não é nada desagradável, pois permite-lhe fazer o que quiser. Mas acreditamos que a qualidade fundamental que se exige de um historiador é a sinceridade; por isso não podíamos silenciar, embora não tivéssemos muita ilusão sôbre as conseqüências práticas que pode acarretar a abertura de uma discussão sôbre um assunto já resolvido.

Que fique bem claro que não pretendemos dar uma solução a um problema afinal complexo e delicado. Não duvidamos que hajam autoridades mais competentes que nós para isso. Não queríamos aqui fazer outra coisa senão expressar franca e claramente a nossa opinião. Para resumir, pensamos que o curso de **Metodologia histórica** deve continuar como obrigatório no primeiro ano e compreender um panorama geral da História da historiografia; os alunos desejosos de aprofundar os seus conhecimentos na matéria poderiam depois escolher a **História da historiografia** como matéria optativa em função do programa dado naquele ano; no que diz respeito a **Teoria da História** limitada ao problema epistemológico, ela deveria ser ensinada no departamento de filosofia, sendo também uma matéria optativa para os alunos de História. Aliás, acreditamos que duma maneira geral seria interessante reduzir o ensino obrigatório a um pequeno número de matérias básicas, aumentando o papel das matérias optativas e a capacidade de escôlha dos estudantes. Sabemos perfeitamente que neste caso alguns dêstes fariam a escôlha, não em função do interêsse que manifestam pela matéria, mas em função da re-

putação de facilidade de tal ou qual matéria, atitude altamente prejudicial ao bom funcionamento do sistema. Mas, afinal, não se pode esperar muito dos estudantes que não gostam de estudar e só pensam enveredar-se pelos caminhos da facilidade. Devemos pensar sobretudo nos outros, e não duvidamos do interesse que despertaria entre êstes um currículo dêste tipo, suscetível ao nosso ver de ocasionar um excelente aproveitamento.

Mas voltemos ao nosso assunto e limitemo-nos à questões que dizem respeito à Metodologia e à Teoria da História. Pensamos que para a formação dos estudantes em História, o trabalho prático e efetivo do aluno é muito mais importante que o conhecimento de **tôdas as teorias** que se apresentam já elaboradas. Entre estas, sômente as que tiveram uma influência direta sôbre o desenvolvimento da historiografia nos interessam, porque nunca se deve perder de vista que os estudantes de História devem fazer antes de tudo História.

YVES BRUAND

Professor de Metodologia Histórica e Teoria da História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo